

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Parentalidade em contextos de desvantagem
socioeconómica: O papel preditivo de variáveis familiares
e sociodemográficas na perceção dos técnicos**

Rita Ramos Costa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica
Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Parentalidade em contextos de desvantagem
socioeconómica: O papel preditivo de variáveis familiares
e sociodemográficas na perceção dos técnicos**

Rita Ramos Costa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia
Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Narciso, pela orientação e educação durante os anos de mestrado, nos quais continuei o percurso do meu crescimento pessoal e profissional enquanto jovem terapeuta.

À Doutora Carlota Correia Vale, que me completa e instiga a construir uma vida de felicidade e sucesso. Pela sua mera existência que me tem trazido tanta felicidade, aprendizagem e inspiração para ter a capacidade de aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar as que posso e a sabedoria para saber a diferença.

Ao Doutor Timóteo Camacho pelo mentorado, orientação e amizade. Por ser um exemplo a seguir e uma fonte de motivação e resiliência. Onde encontro um amigo e um mentor com muitas aventuras por viver em conjunto.

À Diana Bandeira, com quem tenho vindo a ter a sorte de ser a presença calma que testemunha a sua crescente grandeza.

Aos amigos a quem chamo família.

Ao Bernardo.

À minha família.

Índice Geral

Lista de Tabelas, Figuras e Abreviaturas.....	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	2
Estilos Parentais.....	2
Parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica.....	3
Importância e Perceção dos técnicos	5
Método.....	8
1.1 Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo	8
1.2 Questão inicial e Objectivo Geral.....	8
1.3 Mapa Conceptual.....	9
1.4 Objectivos específicos e Hipóteses de Investigação	10
1.5 Participantes	11
1.6 Instrumentos Aplicados	11
1.7 Procedimento.....	13
1.8 Análise de Dados	14
Resultados.....	15
Análise de Correlações	15
Análise de Regressões Lineares Múltiplas Hierárquicas.....	19
Discussão	25
Limitações, contributos e implicações para estudos futuros	29
Conclusão	32
Referências Bibliográficas.....	34

Lista de Tabelas, Figuras e Abreviaturas

Tabela 1 *Matriz de Correlações entre as variáveis em estudo na amostra de famílias com filhos pequenos*

Tabela 2 *Matriz de Correlações entre as variáveis em estudo na amostra de famílias com filhos crescidos*

Tabela 3 *Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Avaliação dos técnicos*

Tabela 4 *Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Expectativas dos técnicos*

Figura 1 Mapa Conceptual das variáveis em estudo.

EP Estilo Parental

INE Instituto Nacional de Estatística

OMS Organização Mundial de Saúde

QDEP Questionário das Dimensões e Estilos Parentais

SES Estatuto Socioeconómico

Resumo

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística relativos a 2018, 18% das famílias vivem em contexto de desvantagem socioeconómica em Portugal. Ao abrigo do estado social em que vivemos, estas famílias são acompanhadas por técnicos. Verificou-se um vazio na literatura relativo ao seu possível enviesamento. O presente estudo debruça-se sobre a análise das variáveis inerentes à família e à sua situação socioeconómica, estudando um possível papel preditivo na perceção dos técnicos que as acompanham e avaliam. Foram analisadas respostas de 65 participantes, dos quais 55 são do sexo feminino (84.6%) e 10 são do sexo masculino (15.4%), relativas a aplicação de quatro questionários: um sociodemográfico, um sobre a pressão económica, estilos parentais e um quarto para o técnico responsável, relativamente às suas avaliações e expectativas. Utilizando uma análise de correlações entre as variáveis em estudo assim como regressão linear múltipla hierárquica, foi possível aferir que para a amostra de famílias com filhos pequenos, o estilo parental permissivo definido por Baumrind (1967; 1971) assim como o indicador de pressão económica relativo à carência económica definido por Conger (2010) correlacionam-se proporcionalmente com uma avaliação negativa dos técnicos. Foi ainda significativa a correlação entre o aumento da preocupação financeira de famílias com filhos crescidos com o aumento das expectativas negativas por parte do técnico. Concluiu-se que variáveis familiares e sociodemográficas influenciam a perceção dos técnicos: o estilo parental permissivo, assim como o número total de filhos aparentam ter um papel preditivo na avaliação dos técnicos. São debatidas as contribuições e limitações do presente estudo, assim como analisados os possíveis estudos futuros.

Palavras-chave: perceção dos técnicos; famílias em contextos de desvantagem socioeconómica; estilos parentais; indicadores de pressão económica

Abstract

According to the data of the National Institute of Statistics about 2018, 18% of families who reside in Portugal are living in a context of socioeconomical disadvantage. Under the social state in which we live, these families are accompanied by technicians. There was a gap in literature regarding its possible bias. The present study has leaned over the analysis of variables inherent to the family as well as their socioeconomical situation, studying a possible predictive role of such variables on the perception of the technicians who monitor and assess such families. Responses from 65 participants were analyzed, of which 55 are female (84.6%) and 10 are male (15.4%), related to the application of four questionnaires: one sociodemographic, one related to economic pressure, one assessing parenting styles, and the fourth went to the responsible technician, regarding their assessments and expectations of the families they work with. Using an analysis of correlations between the variables under study as well as an hierarchical multiple linear regression, it was possible to verify that for the sample of families with young children, the permissive parenting style defined by Baumrind (1967; 1971) as well as the economic pressure indicator economic shortage defined by Conger (2010), both correlate proportionally with a negative assessment by the technicians. There was still a significant correlation between the increased financial concern of families with grown children with the proportional increase in negative expectations of the technician. It was concluded that family as well as sociodemographic variables influence the perception of the technicians: the permissive parenting style, as well as the total number of children appear to have a predictive role in the technicians' evaluations. The contributions and limitations of the present study are discussed, as well as further research analyzed.

Key-words: technicians' perceptions; low income families; parenting styles; economic pressure indicators

Introdução

Segundo o dicionário, define-se parentalidade em contexto de desvantagem socioeconómica, como a parentalidade na qual os indivíduos se encontram numa situação desfavorecida relativa a factores sociais e económicos, assim como a sua subsequente interacção. Com o presente estudo, pretende-se analisar e compreender se as variáveis inerentes à parentalidade em situação de desvantagem socioeconómica influenciam a perspectiva dos técnicos que as acompanham e avaliam.

De acordo com os registos do Instituto Nacional de Estatística, a parentalidade em contextos socioeconómicos desvantajosos apresenta-se como os agregados domésticos com crianças dependentes em taxa de risco de pobreza após transferências sociais, numa proporção de 18.3% do total de agregados familiares portugueses (in censo 2019; INE). Estipulam ainda, que 17.8% da população residente na área metropolitana de Lisboa se encontra em risco de pobreza ou exclusão social segundo os dados obtidos em dezembro de 2019. O mesmo censo realizado pelo INE estipula que, da população residente na área metropolitana de Lisboa em risco de pobreza e/ou exclusão social, 31% não têm capacidade económica para pagar uma semana de férias por ano, fora de casa; 33% não têm capacidade económica para assegurar o pagamento imediato de uma despesa inesperada sem recorrer a empréstimo; 14.6% não têm capacidade económica para manter a casa aquecida; 7.3% não têm capacidade económica para pagar atempadamente rendas, prestações de crédito hipotecário ou despesas correntes com a habitação, outras despesas correntes ou crédito; 5.1% não têm capacidade económica para ter automóvel e 1.6% não têm capacidade financeira para ter uma refeição de carne ou peixe (ou equivalente vegetariano) de 2 em 2 dias (in censo 2019; INE). Contextualizada a realidade em que muitas famílias em situações de desvantagem socioeconómica vivem, analisaremos a parentalidade relativamente aos estilos parentais e condições económicas adversas ao desenvolvimento e manutenção do sistema familiar. Posteriormente, será também analisada a temática relativa à perceção dos técnicos que acompanham famílias em situação de desvantagem socioeconómica, segundo a literatura.

Enquadramento Teórico

Estilos Parentais

Na sua conhecida abordagem tipológica, Baumrind definiu três estilos parentais cujo contributo demonstrou-se essencial para a compreensão da influência que os pais exercem no desenvolvimento dos filhos: o estilo autoritário, o estilo permissivo e o estilo autoritativo (Baumrind, 1966, 1967, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013).

No estilo parental autoritário, os pais são descritos como restritivos e controladores, priorizando a obediência e recorrendo a punições físicas e críticas verbais hostis; demonstram uma inflexibilidade e um controlo psicológico rígido sobre o qual monitorizam e avaliam o comportamento dos filhos; focam-se na transmissão dos valores considerados tradicionais, nomeadamente a preservação da ordem, o trabalho, as tradições e o respeito pela autoridade; aparentam ter uma baixa capacidade afectiva e desencorajam trocas verbais com os filhos, não contribuindo para a sua individualização, desenvolvimento de maturidade e independência, além de que as crianças expostas a uma parentalidade de estilo autoritário, demonstram dificuldades na regulação das emoções e na definição de autoconceito, comportamentos de externalização e delinquência, inibição social, reduzida responsabilidade social e tendem a apresentar maiores níveis de insegurança, agressividade, insatisfação e apreensão, culminando ainda na possível inadaptação escolar e insucesso académico, segundo a bibliografia conhecida (Baumrind, 1967, 1971; Baumrind & Black, 1967; Cardoso & Veríssimo, 2013; Dornbusch, Ritter, Leiderman & Fraleigh, 1987; Hart, Newell, & Olsen, 2003; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015).

No estilo parental permissivo, os autores descrevem os pais no sentido oposto: não acreditam em punições, controlo ou restrições, colocando a criança em autogestão do próprio comportamento e decisões, demonstrando baixos níveis de exigência ou de rotinas, dando lugar a uma tolerância aos impulsos, desejos e comportamentos da criança, onde os pais ativamente evitam colocar-se numa posição de autoridade (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Cole & Cole, 2001). Crianças expostas a uma parentalidade de estilo permissivo demonstram comportamentos disruptivos e dificuldades na autorregulação emocional, imaturidade, dependência, assertividade, baixos níveis de auto-estima e de resiliência; assim como uma associação negativa com o desenvolvimento académico e social (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso &

Veríssimo, 2013; Cole & Cole, 2001; Dornbusch et al., 1987; Lamborn et al., 1991; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015; Sommer, 2007).

No terceiro estilo parental definido pela autora, o estilo autoritativo, define-se pela afetividade e responsividade às necessidades das crianças, existindo uma comunicação aberta, onde se promovem as trocas verbais com os filhos e, assim, a sua individualização e independência (Baumrind, 1967, 1971; Baumrind & Black, 1967; Cardoso & Veríssimo, 2013; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015). Explicam claramente o porquê dos seus pedidos ou decisões, incluindo a criança no seu próprio processo de maturação e responsabilidade social, promovendo um ambiente estimulante e acolhedor (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013). Existem castigos apropriados e devidamente justificados, uma vez que os pais se encontram investidos na educação dos filhos (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Dornbusch et al., 1987; Hart et al., 2003). Trata-se de um estilo parental onde os pais exibem altos níveis de afetividade em simultâneo com altos níveis de exigência, o que tem provado estar relacionado com o sucesso académico e social das crianças: crianças expostas a este estilo parental aparentam uma menor tendência para comportamentos de internalização e externalização, assim como um melhor ajuste psicossocial e sucesso académico (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Dornbusch et al., 1987; Hart et al., 2003; Lamborn et al., 1991; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015; Williams, 2009).

Parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica

Os contextos de desvantagem socioeconómica influenciados pela privação económica, quer advenham de situações de pobreza crónica ou de um repentino decréscimo económico, demonstram ter um impacto negativo sobre os indivíduos e as suas famílias (Duncan & Brooks-Gunn, 2000; Elder, Conger, Foster, & Ardelet, 1992; Jeon & Neppl, 2016). O impacto negativo verifica-se, também, através dos pais, que parecem estar na base da associação entre adversidade financeira e baixos resultados das crianças (Jeon et al., 2016). De facto, as dificuldades financeiras levam a problemas do foro emocional, como depressão e ansiedade, o que pode causar conflitos conjugais, comportamentos parentais hostis ou ainda resultados negativos para as crianças (Conger, Conger & Martin, 2010). Assim, existe uma clara associação entre as dificuldades financeiras e um funcionamento familiar negativo (Duncan & Brooks-Gunn, 2000; Jeon et al., 2016).

Segundo a literatura, dificuldades económicas colocam famílias em risco de múltiplas desvantagens associadas a problemas de ajustamento das crianças (Conger et al., 2010; Duncan & Brooks-Gunn, 2000; Jeon et al., 2016). Concordantemente, as dificuldades financeiras estão diretamente associadas a pressão económica, o que, por sua vez, se encontra correlacionado com o aumento do risco de problemas parentais: incapacidade de demonstrar afecto e envolvimento para com as crianças devido ao stress causado pelos seus problemas financeiros, o que dificulta o envolvimento em boas práticas parentais (Conger & Conger, 2002; Jeon et al., 2016). Estes comportamentos parentais em défice, por consequência, perturbam o desenvolvimento das crianças: encontrou-se uma associação positiva entre a vivência do stress financeiro e desenvolvimento de problemas psicológicos como ansiedade e depressão, assim como problemas a nível relacional entre pais e filhos (Jeon et al., 2016; Santiago, Wadsworth & Stump, 2011). Em adição, estudos demonstraram que crianças que crescem mediante condições de dificuldades económicas, estão mais vulneráveis a desenvolver problemas ao nível do comportamento (Evans, 2004; Jeon et al., 2016) assim como um menor nível de ajuste psicossocial (Bolger, Patterson, Thompson, & Kupersmidt, 1995; Jeon et al., 2016), colocando-as em risco de insucesso académico, problemas socioemocionais ou ainda prisão (Sheely-Moore & Bratton, 2010); assim demonstrando a relação entre dificuldades económicas e o aumento de processos familiares perturbados que influenciam todos os indivíduos do sistema familiar.

Independentemente, nem todas as famílias reagem da mesma forma às dificuldades financeiras e sociais, sendo conhecidos alguns factores que desempenham um papel importante no processo de resiliência às dificuldades financeiras: ter um autoconceito positivo (relativo à autoestima e ao conceito de autoeficácia), a disposição para abordar a vida com uma visão positiva, uma capacidade de comunicação eficaz e positiva, um alto grau de satisfação e de autoeficácia e ainda uma perspectiva positiva do *self* e dos outros, permitindo aos indivíduos uma sensação generalizada de autorrealização que, associadas ao apoio do cônjuge, demonstram capacidade de adaptação às dificuldades económicas (Caprara, Alessandri, Colaiaco, & Zuffianò, 2013; Jeon et al., 2016; Taylor, Widaman, Robins, Jochem, Early, & Conger, 2012; Wright, Masten, & Narayan, 2013). Estes atributos acima referidos estão correlacionados com relações interparentais harmoniosas, assim como relações pai-filho de proximidade, relações positivas entre irmãos e relações de apoio com a família alargada (Jeon et al., 2016; Wright et al., 2013).

Deste modo, torna-se importante que o papel do técnico passe pela capacidade de avaliação do sistema familiar, do estilo e dinâmica da parentalidade em contexto de desvantagem socioeconómica, assim como da evolução familiar mediante a intervenção, trazendo a necessidade de estudar a influência de variáveis familiares na percepção dos técnicos.

Importância e Percepção dos técnicos

Associada à parentalidade em situações de desvantagem socioeconómica, estão os técnicos destacados para o seu acompanhamento que, segundo a Organização Mundial de Saúde, são uma parte integrante de um dos seis domínios através dos quais se avalia a qualidade de vida, nomeadamente, o domínio psicológico (WHOQoL GROUP, 1994), aumentando assim a qualidade de vida percebida pelos cidadãos. Da literatura conhecida, crê-se que intervenções comunitárias estruturais em conjunto com terapia familiar, têm obtido os melhores resultados quando se trata de intervir com famílias em contexto de desvantagem socioeconómica com crianças e adolescentes, tendo em conta que se tratam de famílias afectadas por uma multitude de sistemas que interagem entre si (e.g., Barth et al., 2007; McNeil et al., 2013; Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007). Congruentemente, ao alterar uma parte de um dado sistema, as suas partes interrelacionadas serão, conseqüentemente, afectadas com o objectivo de impactar e criar alterações ao nível do sistema familiar, os sistemas com que interagem e o sistema no qual a família se insere (McNeil et al., 2013). De acordo com Minuchin (1985) os princípios da teoria sistémica defendem que qualquer sistema é um todo organizado; o todo é maior que a soma das suas partes; os sistemas são compostos por subsistemas; os padrões de um dado sistema são circulares (não lineares); sistemas complexos são também compostos de subsistemas; os sistemas são mecanismos homeostáticos que mantêm a estabilidade dos seus padrões e, finalmente, evolução e mudança são intrínsecas a sistemas abertos. Entender as famílias enquanto subsistemas de um sistema maior, enquanto uma parte de um todo, permite aos técnicos da área induzir mudanças mais sustentáveis e de maior amplitude nas famílias (McNeil et al., 2013). Deste modo, ao trabalhar com famílias em contextos de desvantagem socioeconómica, é importante reconhecer as suas necessidades específicas: preocupações relativas à insegurança na alimentação, acomodação, assim como o acesso muito limitado a recursos necessários a uma vivência otimizada (Foss-Kelly et al., 2017; Harper et al., 2015; Myers & Gill, 2004)

que naturalmente aumentam o nível de stress, comprometendo a saúde e bem-estar mental e físico dos que vivenciam o limiar de pobreza (Foss-Kelly et al., 2017; Hudson, 2005; Lustig & Strauser, 2007) resultando numa perspectiva que dificulta a capacidade de manter a atenção e pensar criativamente (Anandi et al., 2013; Foss-Kelly et al., 2017). Existe pouca literatura sobre as melhores abordagens para especificamente intervir sobre as necessidades sociais, emocionais e materiais das pessoas a viver em contextos de desvantagem socioeconómica (Smith & Chambers, 2015).

Alguns estudos têm analisado a relação que os profissionais que acompanham indivíduos em situações de pobreza, criam e mantêm, ao nível da sua qualidade, probabilidade de adesão a programas de Promoção e Bem-Estar e a consequências familiares, parentais e individuais da sua intervenção em comparação à sua não-intervenção (Azzi-Lessing, 2013; Ritchie & Buchanan, 2011). De facto, a intervenção prova ser muito importante e um factor diferenciador quando comparada à não-intervenção: também na literatura se encontram estudos que comprovam as diferenças significativas e o aumento da expressividade linguística das crianças, melhorias no comportamento e aumento de interações positivas na relação entre pais e filhos quando acompanhadas as famílias em desvantagem socioeconómica pelos técnicos da área (Yazejian et al., 2017).

Relativamente à perceção dos técnicos, foquemo-nos na combinação da sua avaliação e das suas expectativas. Referimo-nos à sua avaliação na apreciação do acompanhamento inicial até à data, assim como às suas expectativas; relativas à previsão comportamental futura dos indivíduos que acompanham. Efetivamente, não se verificam muitos estudos desta temática específica, nem da sua análise em interação com outras variáveis que influenciem a própria avaliação e expectativas dos técnicos. Porém, existe vasta literatura no sentido de evidenciar a importância da existência do acompanhamento por parte dos técnicos, como Ritchie & Buchanan (2011) que concluem que estilos parentais negativos estão correlacionados a problemas no desenvolvimento psicológico dos filhos e, ainda, que existe uma maior probabilidade de que um estilo negativo parental aplicado por um pai seja replicado pelo outro, quando não há intervenção. Azzi-Lessing (2013), por sua vez, conclui que a importância dos trabalhadores sociais e técnicos da área é crucial na motivação para a mudança face a práticas parentais, concluindo que melhora o impacto positivo quando os técnicos têm oportunidade de desenvolver e liderar programas de promoção do bem-estar familiar. No entanto, pouco se sabe sobre as possíveis condicionantes que influenciem a abordagem dos técnicos no que toca à sua perceção

(avaliação e expectativas) inserida neste contexto específico: alguns autores tomaram em consideração a idade das crianças de famílias de baixo rendimento, as qualificações profissionais dos técnicos e o tipo de interação pai-filho ao analisar a eficácia de intervenções realizadas com esta população de risco (e.g., Mortensen & Mastergeorge, 2014). Outros estudos demonstravam a influência da classe social no preconceito e atitude dos técnicos da área, sendo que as diferenças entre classes sociais eram percebidas, no entanto, não alteravam a vontade dos técnicos de trabalhar com o cliente, nem as atribuições de culpabilização pelo seu estado para com o mesmo (Thompson et al., 2014). Investigou-se também a influência da classe social juntamente com a orientação sexual de clientes face às percepções dos técnicos da área de saúde mental, provando que as características do cliente podem afetar a percepção dos técnicos (Thompson et al., 2019).

Verifica-se um vazio na literatura face ao estudo de variáveis familiares (estilos parentais e stress económico) e sociodemográficas (e.g., idade dos filhos, sexo dos filhos e número total de filhos) e a sua consequente interação que possa influenciar a percepção dos técnicos que acompanham famílias em contexto de desvantagem socioeconómica. Dada a importância do seu papel na avaliação, acompanhamento e expectativas face aos indivíduos com quem trabalham, torna-se importante estudar a forma como este processo pode ser influenciado. Assim, pretende-se com a presente dissertação, analisar este subtópico, de forma exploratória. Para o efeito, explicita-se no capítulo seguinte a metodologia utilizada, assim como uma análise dos instrumentos de avaliação.

Método

1.1 Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo

O presente estudo, de natureza quantitativa e desenho metodológico transversal tem como temática central a análise das variáveis inerentes à parentalidade em contexto de desvantagem socioeconómica face ao seu possível papel preditivo na perceção dos técnicos que acompanham as famílias nas referidas situações. Trata-se de um estudo descritivo, correlacional e comparativo.

1.2 Questão inicial e Objectivo Geral

O presente estudo tem por questão inicial analisar se as variáveis sociodemográficas e as variáveis familiares poderão ter um papel preditivo na perceção dos técnicos que acompanham famílias em contexto de desvantagem socioeconómica. Ou, por outras palavras, estará a avaliação e expectativas dos técnicos das famílias em situação de desvantagem socioeconómica, por si acompanhadas, a ser influenciada por variáveis sociodemográficas e familiares inerentes às mesmas? Uma vez que se verifica um certo vazio na literatura sobre a especificidade desta temática, pareceu ser uma questão importante a colocar e que será exploratoriamente analisada com o presente estudo.

Deste modo, o objetivo geral é explorar o efeito preditor das variáveis familiares e sociodemográficas face às variáveis avaliação dos técnicos e expectativas dos técnicos (em conjunto formando a Perceção dos técnicos). As variáveis familiares compreendem os estilos parentais autoritativo, permissivo e autoritário - segundo o modelo de Pedro, Carapito e Ribeiro (2015) – assim como o stress económico, definido segundo Conger (2010), cujas variáveis compreendem carências económicas, perceção de dificuldades financeiras e preocupações financeiras. Relativamente às variáveis sociodemográficas, pretende-se analisar a idade do filho alvo, o número total de filhos e, ainda, o sexo do filho alvo, relativo à possível influência que exerça sob a variável perceção dos técnicos que se refere à evolução da família, como se pode observar no mapa conceptual da Figura 1.

Congruentemente com a literatura, seguiu-se o modelo de tratamento da amostra mediante a idade do filho alvo, modelo de tratamento de dados seguido por muitos

investigadores da área que trata a análise de variáveis relativas a famílias, separando famílias com crianças pequenas, (Frankham et al., 2020; Hustedt et al., 2017; Iruka et al., 2018; McKelvey et al., 2015; Mortensen & Mastergeorge, 2014; Pellechia et al., 2018; Schoon, 2019; Shelley-Moore & Bratton, 2010; Yazejian et al., 2010) do tratamento de dados relativo a famílias com filhos mais crescidos (Barak & Barak, 2019; Hsueh, McCormick, Merrillees, Chou & Cummings, 2018; McNeil, Herschberger & Nedela, 2013; Ritchie & Buchanan, 2011). Para o efeito do presente estudo, agruparam-se os participantes em dois grupos: um grupo relativo a famílias com crianças pequenas (com filhos em idades compreendidas entre os 0 e os 10 anos) e o segundo grupo relativo a famílias com crianças mais velhas (com filhos em idades compreendidas entre os 11 anos e os 17 anos). Deste modo, questionam-se que variáveis influenciam a perceção dos técnicos sobre o trabalho realizado com famílias em contexto de desvantagem socioeconómica.

1.3 Mapa Conceptual

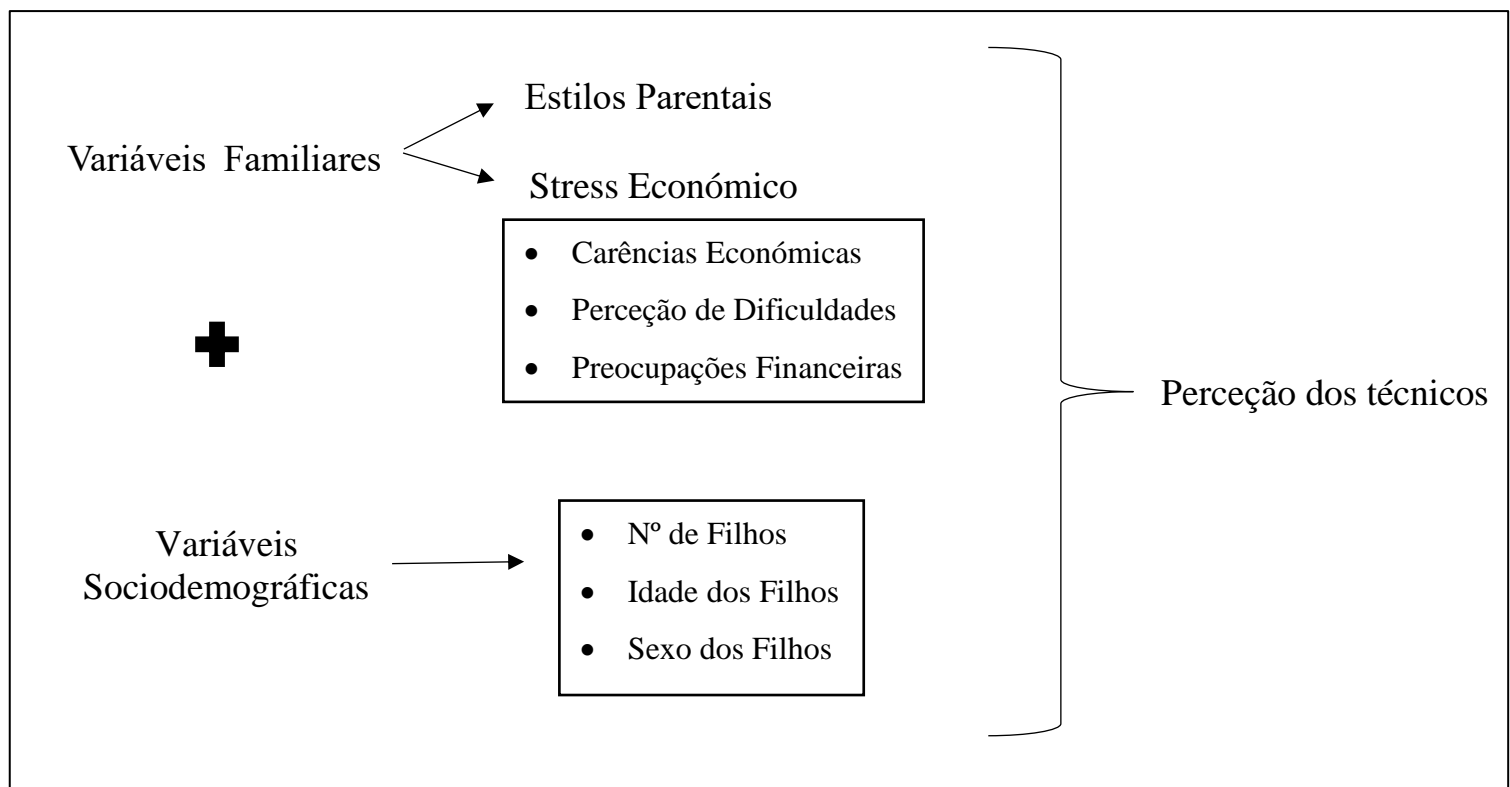


Figura 1. Mapa conceptual das variáveis em estudo.

1.4 Objetivos específicos e Hipóteses de Investigação

Mediante a revisão de literatura, colocaram-se os seguintes objectivos específicos:

- Compreender se as variáveis familiares relativas aos indicadores de pressão económica definidos por Conger e colaboradores (2010) possuem um papel preditivo sobre a variável percepção dos técnicos (avaliação e expectativas dos técnicos).
- Compreender se as variáveis familiares relativas aos estilos e práticas parentais aferidas para a população portuguesa por Pedro, Carapito e Ribeiro (2015) possuem um papel preditivo sobre as variáveis avaliação e expectativas dos técnicos.
- Analisar se as variáveis sociodemográficas idade do filho alvo, sexo do filho alvo e a variável número total de filhos; desempenham um papel preditivo face à avaliação dos técnicos e às expectativas dos técnicos (em conjunto formando a variável Percepção dos técnicos).

Relativamente às hipóteses de investigação, para efeito do presente estudo, hipotetiza-se que (H₁) as famílias cujas práticas parentais se identifiquem com o EP permissivo ou o EP autoritário, ambos associados à parentalidade negativa segundo Baumrind e colaboradores (1967; 1971) assim como por Pedro, Carapito e Ribeiro (2015); terão uma avaliação tendencialmente mais negativa por parte dos técnicos, como indica a literatura sobre o tema, sublinhando a influência entre a parentalidade negativa e um funcionamento familiar multidesafiado (Alarcão, 2002; Baumrind, 1991; Sousa e Ribeiro, 2005) e a hipotetizada influência que terá na avaliação do técnico.

Hipotetiza-se, também, que (H₂) a variável sociodemográfica relativa ao número total de filhos tenha um papel preditivo face às expectativas futuras por parte dos técnicos, tendo valores tendencialmente negativos. Hipótese congruente com a literatura sobre o tema, que explica as consequências de famílias com um número considerável de filhos e o proporcional aumento de necessidades materiais (e imateriais), reforçando as práticas do ciclo de pobreza e assim, a maior clivagem socioeconómica que, como já referenciado, diminui a disponibilidade e investimento parental e emocional, devido à escassez de recursos e redireccionamento dos recursos existentes para colmatar as necessidades básicas e /ou materiais (Conger & Conger, 2002; Ferreira, Pedro & Francisco, 2015; Jeon et al., 2016); assim hipotetizando as possíveis expectativas negativas face ao percurso evolutivo da família por parte dos técnicos.

1.5 Participantes

A amostra é constituída por um total de 65 participantes, dos quais 55 são do sexo feminino (84.6%) e 10 são do sexo masculino (15.4%), com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M = 38.2$; $DP = 9.7$). Relativamente à sua nacionalidade, por ordem decrescente percentual: 76.1% eram de origem portuguesa, 10.9% de origem brasileira, 6.5% de origem cabo-verdiana, 2.2% de origem de leste, 2.2% de origem moçambicana e os restantes 2.2% eram de origem latina. O rendimento mensal do agregado familiar da amostra situa-se entre os 180€ e os 1300€, com uma média de 611€ mensais, sendo que a maioria da amostra se encontra desempregada (69.2% de todos os participantes), 10.8% trabalham por conta de outrem e 10.8% realizam “biscates”.

No que diz respeito ao filho alvo (aquele sobre o qual as respostas dos participantes se focaram e incidiram), as idades variam entre 1 e 17 anos, com uma média de 10.7 anos ($DP = 4.6$), dos quais 47 são do sexo masculino (72.3%) e 18 são do sexo feminino (27.7%). Relativamente ao nível de escolaridade, verificou-se que 30.8% frequentam o 1º ciclo, 16.9% frequentam o 2º ciclo, 15.4% frequentam o 3º ciclo ou CEF, 10.8% estão na creche ou pré-escolar, 6.2% frequentam o ensino secundário e, por fim, 1.5% não estão integrados em estabelecimentos escolares. Relativamente ao número total de filhos, os participantes demonstraram ter entre 1 a 6 filhos ($M = 2.9$; $DP = 1.4$). Para o exercício do presente estudo, separou-se a amostra em dois grupos: o grupo “Famílias com crianças pequenas” constituído por famílias com filhos com idades compreendidas entre os 1 e 10 anos, com um total de 31 famílias (47.7% da amostra total) e o grupo “Famílias com filhos crescidos” constituído por famílias com filhos cujas idades variam entre os 11 e os 17 anos, perfazendo um total de 34 famílias contempladas (correspondentes a 52.3% da amostra total).

1.6 Instrumentos Aplicados

Variável Sociodemográfica. O presente estudo incluiu a aplicação de um questionário sociodemográfico que permitiu, simultaneamente recolher informação acerca dos pais em estudo (e.g., idade, sexo, número total de filhos, situação laboral atual, rendimento mensal, relações conjugais, escolaridade, naturalidade e etnia), assim como informação relativa aos filhos (e.g., idade, sexo, escolaridade).

Variável Avaliação e Expectativas dos Técnicos. Foi aplicado, também, o Questionário de Avaliação e Expectativas dos Técnicos, instrumento que se encontra em processo de validação da autoria das investigadoras Santos-Nunes, Narciso, Vieira-Santos e Roberto (2018). Trata-se de um questionário com duas subescalas: a primeira relativa à avaliação dos técnicos face à evolução da família, num total de 4 itens, pontuados através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde 1 significa “Discordo Totalmente” e 5 significa “Concordo Totalmente” por forma a avaliar a sua perceção face ao percurso evolutivo da família que acompanha (e.g., “As mudanças positivas são visíveis”). A segunda subescala compreende 3 itens, também pontuados numa escala de *Likert* idêntica à anterior por forma a avaliar as expectativas dos técnicos face ao percurso evolutivo das famílias que acompanham (e.g., “Penso que a parentalidade será cada vez mais adequada”). Demonstrou tratar-se de uma escala com um *alpha* de Cronbach = .90, valor que se traduz numa consistência interna muito satisfatória (Pestana e Gageiro, 2008). O valor obtido do *alpha* de Cronbach assemelhou-se ao dos autores, com um $\alpha = 0.86$ (Santos-Nunes, Narciso, Vieira-Santos & Roberto, 2018).

Variável Estilos e Dimensões Parentais. Adicionalmente, foi também aplicado o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – QDEP (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; adaptado para a população portuguesa por Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015), questionário este que consiste num total de 32 itens, respondidos numa escala de *Likert* de 5 pontos, onde 1 significa “Nunca” e 5 significa “Sempre” (e.g., “Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho”). Ao nível da consistência interna, possui um *alpha* de Cronbach de .88 para o EP Autoritativo; $\alpha = 0,73$ para o EP Autoritário e um $\alpha = 0.62$ correspondendo o EP Permissivo segundo os autores (Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015). Trata-se de um instrumento que permite avaliar os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1971): o estilo parental autoritário, o permissivo e o autoritativo, analisando as práticas parentais que constituem cada um dos estilos. O presente estudo foca-se no Modelo 2 da versão aferida para a população portuguesa, onde os autores agrupam os dados em três grupos correspondentes aos três estilos parentais.

Variável Pressão Económica. Finalmente, foi aplicado o Questionário sobre Pressão Económica relativo ao stress económico de Conger e colaboradores (2010), questionário este que compreende três subescalas: a primeira subescala relativa a necessidades materiais denominada por carências económicas, com um total de 7 itens, (e.g., “Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família”) respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos, onde 1 significa “Discordo Totalmente” e 5 significa

“Concordo Totalmente” (comum a todas as subescalas), com um *alpha* de Cronbach de .83; a segunda é uma pergunta relativa à percepção de dificuldades financeiras (i.e., “Em que medida a sua família tem dificuldade em pagar as contas mensais?”) cuja consistência interna é de $\alpha=.73$ e a terceira subescala, relativa a preocupações financeiras que é composta por 5 itens (e.g., “Tenho problemas em dormir devido aos meus problemas financeiros”) e possui um *alpha* de Cronbach de .82. Os valores calculados para o *alpha* de Cronbach são valores semelhantes aos calculados pelos autores: Carências económicas $\alpha = .83$; Percepção de dificuldades financeiras $\alpha = .73$; Preocupações financeiras $\alpha = .73$ (Conger et al., 2002; Conger et al., 2010). Este instrumento permite avaliar a vivência de dificuldades económicas percebidas pelos participantes.

1.7 Procedimento

Os dados recolhidos para o presente estudo realizaram-se presencialmente, junto das mães e/ou pais de cada agregado familiar acompanhado pelas equipas de Apoio à Família da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa Norte e Vale do Tejo e respetivos técnicos correspondentes no âmbito do Laboratório Colaborativo *ProChild CoLAB Against Poverty and Social Exclusion*, com início em junho de 2018 e término em abril de 2019. O primeiro contato realizou-se através das instituições, de forma a fornecer informação sobre o estudo e, simultaneamente, pedir a sua colaboração voluntária. Posteriormente eram agendadas sessões de aplicação do protocolo mediante a disponibilidade das famílias. Os participantes começavam por ser informados relativamente ao carácter de participação voluntária e, posteriormente, eram informados relativamente ao tratamento dos dados ali recolhidos: confidenciais e anónimos. Adicionalmente, eram comunicados os objetivos gerais e critérios de participação. Mediante aceitação do participante, a aplicação era gravada (uma assistência no tratamento de dados para a informação qualitativa, encontrada em partes do questionário). O consentimento informado era apresentado, lido e assinado pelos participantes e era-lhes providenciada uma cópia para levar consigo. Deste modo, estavam assim reunidas as condições necessárias para iniciar a aplicação dos protocolos.

Durante a aplicação dos protocolos de autorrelato, os investigadores documentavam as respostas dadas pelos participantes, com recurso ao apoio visual de régua impressas expressando a escala de *Likert* através de imagens simbólicas (*emoji's*).

O protocolo de investigação incluía, ainda, um questionário a ser entregue ao técnico(a) responsável pelo acompanhamento de cada família, com o intuito de recolher informações relativas aos motivos de sinalização, da situação atual da(s) criança(s), das características da intervenção, do acompanhamento providenciado e do processo evolutivo da família, com especial foco na avaliação e expectativas dos técnicos face à evolução da família, que era recolhido no final da aplicação dos protocolos aos participantes.

1.8 Análise de Dados

Inicialmente, procedeu-se ao cálculo da normalidade da distribuição da amostra, sendo realizado o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Apesar de a maioria das variáveis não apresentarem uma distribuição normal, utilizaram-se testes paramétricos, uma vez que, segundo o teorema do limite central, quando uma amostra é superior a 30 indivíduos tende para a normalidade (Pestana & Gageiro, 2008). Posteriormente, iniciou-se a análise dos resultados por meio da estatística descritiva, com o objetivo de destacar os principais resultados obtidos, realizando primeiramente uma caracterização sociodemográfica da amostra total e das duas subamostras relativas à idade dos filhos: grupo 1 “Famílias crianças pequenas” e grupo 2 “Famílias filhos crescidos”.

Seguidamente, procedeu-se a uma análise de correlações de r de *Pearson* por forma a observar a relação estatística correlacional entre todas as variáveis em estudo.

Por último, realizou-se uma regressão linear múltipla hierárquica, por forma a estudar o papel preditivo das variáveis independentes nas variáveis avaliação dos técnicos e expectativas dos técnicos, após controladas as variáveis anteriores.

A totalidade da análise estatística dos dados recolhidos para o presente estudo foi realizada utilizando o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY).

Resultados

Análise de Correlações

Podem-se observar os valores das correlações entre as variáveis analisadas para a amostra da população com crianças pequenas (Tabela 1) e para a amostra com filhos crescidos (Tabela 2). A análise de correlações relativas aos Estilos Parentais, demonstrou que a variável Estilo Parental Autoritativo não se correlaciona com nenhuma das restantes variáveis de forma significativa para ambas as amostras. Porém, na amostra de famílias cujo filho alvo tem entre 1 ano e 10 anos, intitulada “famílias com filhos pequenos” ou Grupo 1 (representada na Tabela 1), a variável Estilo Parental Permissivo, obteve uma correlação positiva forte com o Estilo Parental Autoritário e teve uma correlação negativa moderada com a variável Avaliação dos técnicos, demonstrando uma interpretação inversamente proporcional, no sentido de quanto mais permissivo for o estilo parental de uma família, mais negativa será a sua avaliação por parte dos técnicos. Por outro lado, na Tabela 2, cuja amostra é relativa a famílias com filhos crescidos (idade do filho alvo entre os 11 anos e os 17 anos), o Estilo Parental Permissivo obteve correlações positivas moderadas com as variáveis Estilo Parental Autoritário e Preocupações Financeiras (variável estudada pelo questionário Pressão Económica de Conger, 2010).

O Estilo Parental Autoritário, na Tabela 1, à exceção da correlação anteriormente mencionada, não se correlaciona de forma significativa com nenhuma das restantes variáveis, porém, na amostra relativa à Tabela 2, obteve uma correlação positiva moderada com a variável Perceção de Dificuldades (relativa à pressão económica definida por Conger, 2010), terminando assim a análise às variáveis familiares relativas aos estilos parentais.

As variáveis relativas à Pressão económica, demonstraram correlacionar-se significativamente entre si: as três variáveis Carências Económicas, Preocupações Financeiras e Perceção de Dificuldades todas tiveram correlações positivas fortes em ambas as amostras, como se encontra exposto na Tabela 1 e 2. Destaca-se singularmente, na amostra de famílias com filhos pequenos (Tabela 1) a variável Carências Económicas correlacionando-se negativa e moderadamente com a variável Avaliação dos Técnicos, sugerindo que quanto maior for a carência económica pressentida, mais negativa será a avaliação dos técnicos face à família com filhos pequenos. Ainda se destaca a variável Preocupações financeiras, desta vez na amostra relativa a famílias com filhos crescidos (Tabela 2), por se correlacionar negativa e moderadamente com a variável Expectativas

dos técnicos, indicando que quanto maior for a preocupação financeira experienciada, menos positivas serão as expectativas dos técnicos face a famílias com filhos crescidos.

Finalizando com as variáveis relativas à percepção dos técnicos, na amostra com filhos pequenos, a variável Expectativas dos técnicos correlaciona-se positiva e fortemente com a variável Avaliação dos técnicos (Tabela 1) e, na amostra com filhos crescidos, correlacionam-se positiva e moderadamente (Tabela 2).

Tabela 1*Matriz de Correlações entre as variáveis em estudo na amostra de famílias com filhos pequenos*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	Médias / DP	Alpha de Cronbach
1.EP Autoritativo	--								63.3 / 7.6	.88
2.EP Permissivo	.21	--							11.5 / 4.3	.69
3.EP Autoritário	.20	.51**	--						24.4 / 8.4	.78
4.Carências Económicas	.03	-.10	-.11	--					20.9 / 5.6	.83
5.Percepção de Dificuldades	-.13	.05	-.03	.78**	--				2.9 / .98	--
6.Preocupações Financeiras	-.24	-.18	-.27	.73**	.57**	--			13.6 / 5.23	.82
7.Avaliação dos técnicos	.21	-.40	-.27	-.42*	-.23	-.22	--		15.6 / 2.9	.91
8.Expectativas dos técnicos	.20	-.29	-.20	-.06	.03	.05	.82**	--	11.5 / 1.9	.73

Nota: **. A correlação é significativa no nível 0.01 (p<0.01). *. A correlação é significativa no nível 0.05 (p<0.05).

Tabela 2*Matriz de Correlações entre as variáveis em estudo na amostra de famílias com filhos crescidos*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	Médias / DP	Alpha de Cronbach
1. EP Autoritativo	--								60.7 / 11.4	.88
2. EP Permissivo	.25	--							11.2 / 4.4	.69
3. EP Autoritário	.23	.40**	--						23.4 / 5.5	.78
4. Carências Económicas	-.14	-.26	.19	--					22.9 / 6.3	.83
5. Perceção de Dificuldades	.19	.02	.36*	.58**	--				3.5 / 1.03	--
6. Preocupações Financeiras	.16	.33	.19	.55**	.68**	--			14.9 / 5.5	.82
7. Avaliação dos técnicos	.02	-.19	-.22	-.10	-.22	-.10	--		16 / 2.9	.91
8. Expectativas dos técnicos	.11	-.03	.04	-.16	-.33	-.23	.47**	--	11.6 / 1.6	.73

Nota: **. A correlação é significativa no nível 0.01 ($p < 0.01$). *. A correlação é significativa no nível 0.05 ($p < 0.05$).

Análise de Regressões Lineares Múltiplas Hierárquicas

Realizaram-se duas regressões múltiplas hierárquicas para analisar o contributo das variáveis independentes (sociodemográficas: idade do filho alvo, sexo do filho alvo, número total de filhos e variáveis familiares: estilo parental autoritativo, permissivo e autoritário; carências económicas, perceção de dificuldades e preocupações financeiras) nas variáveis dependentes (avaliação dos técnicos e expectativas dos técnicos).

Numa primeira análise de regressão, a variável dependente diz respeito à avaliação dos técnicos (Tabela 3). No primeiro bloco (modelo 1), foram colocadas as variáveis independentes sociodemográficas, como a idade do filho alvo, sexo do filho alvo e número total de filhos. No segundo bloco (modelo 2) foram adicionadas as restantes variáveis independentes (estilo parental autoritativo, permissivo e autoritativo; carências económicas, perceção de dificuldades e preocupações financeiras), por forma a analisar o contributo possível que cada variável acrescenta à variável dependente, depois de controladas as anteriores. O modelo relativo ao primeiro bloco explica 6.2 % da variância da variável dependente ($R^2 = .062$). Após serem introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passou a explicar um total de 25.4 % da variância das avaliações dos técnicos ($R^2 = .254$), $F(9, 38) = 1.44$, $p < .001$. Quando a variável do primeiro bloco foi controlada, o segundo modelo passou a explicar uns 19.2% extra ($R^2_{change} = .192$) desta variância, $F_{change}(6, 38) = 1.63$, $p < .001$. Na análise realizada ao modelo final, observaram-se duas variáveis estatisticamente significativas: o número total de filhos, com um valor de Beta superior (beta = $-.32$, $p < .001$) comparativamente ao do estilo parental permissivo (beta = $-.30$, $p < .001$), que é também significativo.

A segunda análise de regressão, incide na variável dependente expectativas dos técnicos (Tabela 4) onde, no primeiro bloco (modelo 1) foram colocadas variáveis independentes sociodemográficas: idade do filho alvo, sexo do filho alvo e número total de filhos. No segundo bloco (modelo 2), foram adicionadas as restantes variáveis independentes (estilo parental autoritativo, estilo parental permissivo, estilo parental autoritário, carências económicas, perceção de dificuldades e preocupações financeiras). O modelo relativo ao primeiro bloco explica 5.1% da variância da variável dependente ($R^2 = .051$). Após serem introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passou a explicar 12.9 % da variância das expectativas dos técnicos ($R^2 = .129$), $F(9, 37) = .61$, $p < .001$. Quando as variáveis do primeiro bloco foram controladas, o modelo 2 passou a

explicar mais 7.9 % da variância da variável dependente expectativa dos técnicos (R^2 *change* = .079), $F(6, 37) = .56$, $p < .001$. Ao analisar o modelo final, verifica-se que nenhuma das variáveis estudadas contribui significativamente para a variância da variável expectativas dos técnicos, porém, é de notar que a variável estilo parental autoritativo teve o maior valor de Beta do modelo ($\beta = .24$).

Tabela 3*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Avaliação dos técnicos*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados			Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig	
Modelo 1						
Idade do filho alvo	1.11	1.06	.20	1.04	.30	
Sexo do filho alvo	-.23	.91	-.04	-.26	.80	
Número Total de filhos	-.62	.37	-.32	-1.70	.10	
Modelo 2						
Idade do filho alvo	.80	1.09	.15	.72	.47	
Sexo do filho alvo	-.12	.89	-.02	-.13	.89	
Número Total de Filhos	-.63	.36	-.32	-1.77	.08	
EP Autoritativo	.04	.04	.13	.88	.38	

EP Permissivo	-.21	.14	-.30	-1.51	.13
EP Autoritário	-.07	.07	-.19	-.96	.34
Carências Económicas	-.08	.10	-.16	-.73	.47
Perceção de Dificuldades	.40	.58	.15	.70	.49
Preocupações Financeiras	-.08	.12	-.15	-.65	.52

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$

Tabela 4*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Expectativas dos técnicos*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados			Coeficientes estandardizados	
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Idade do filho alvo	.70	.68	.20	1.03	.31
Sexo do filho alvo	-.64	.60	-.17	-1.07	.29
Número Total de filhos	-.25	.24	-.20	-1.05	.30
Modelo 2					
Idade do filho alvo	.77	.75	.22	1.03	.31
Sexo do filho alvo	-.70	.63	-.19	-1.11	.27
Número Total de Filhos	-.25	.25	-.20	-1.01	.32
EP Autoritativo	.04	.03	.24	1.40	.17

EP Permissivo	-0.06	.09	-.13	-.61	.55
EP Autoritário	-.03	.05	-.12	-.52	.61
Carências Económicas	.01	.07	.04	.17	.87
Perceção de Dificuldades	-.05	.40	-.03	-.12	.91
Preocupações Financeiras	-.03	.09	-.09	-.33	.74

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$

Discussão

O presente estudo tem o objetivo de analisar o possível papel preditivo das variáveis sociodemográficas e familiares, inerentes à parentalidade na desvantagem socioeconómica, na avaliação e expectativas dos técnicos que as acompanham.

Relativamente ao estudo da análise correlacional das variáveis em estudo e a sua subsequente relação, debruçemo-nos sobre a interação entre as variáveis familiares: os estilos parentais e os indicadores de pressão económica; que se revelou significativa para famílias com filhos crescidos (entre os 11 e os 17 anos) da presente amostra. Especificamente, demonstrou-se que famílias com filhos crescidos com um estilo parental permissivo aparentam ter uma maior preocupação financeira, enquanto famílias com filhos crescidos com um estilo parental autoritário aparentam ter uma maior perceção de dificuldades financeiras. Alinha-se com a diretriz lógica encontrada na literatura, uma vez que ambos os estilos parentais permissivo e autoritário defendem práticas parentais com consequências negativas (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Cole & Cole, 2001; Dornbusch et al., 1987; Lamborn et al., 1991; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015; Sommer, 2007) que, por sua vez se correlacionam com a vivência do stress associado aos contextos de desvantagem socioeconómica, analisado pelos indicadores de pressão económica definidos por Conger (2010): a perceção de dificuldades financeiras relativa ao nível de dificuldade que uma família encontra em pagar as contas e preocupações financeiras relativas à experiência psicológica em subsistir com os recursos financeiros disponíveis. Uma vez que as dificuldades económicas originam problemas do foro emocional como a ansiedade e depressão, justifica-se os resultados obtidos nesse sentido, existindo uma tendência para criar conflitos matrimoniais, comportamentos parentais hostis assim como consequências negativas para os filhos (Conger, Conger & Martin, 2010; Jeon & Neepl, 2016), dificultando o envolvimento em boas práticas parentais (Conger et al., 2010; Jeon et al., 2016). A correlação encontrada entre indicadores de pressão económica e estilos parentais negativos ser significativa para as famílias com filhos crescidos da presente amostra relaciona-se com a alta natalidade atribuída ao contexto socioeconómico baixo corroborado pelas teorias socioeconómicas relativas à dimensão da família; o que no presente estudo se relaciona com o facto de que as famílias cujo filho alvo era mais crescido (entre os 11 e os 17 anos) correspondiam, na sua maioria a um maior número total de filhos. Poderá ainda justificar-se o resultado

obtido, não só à maior dimensão familiar, assim como, à conseqüente maior dificuldade financeira e aumento da pressão económica; como também ao crescente aumento de necessidades financeiras que o aumento do sistema familiar acarreta (Kamuzora, 2001; Krishnaji, 1980) e, assim uma maior vivência de stress associado à pressão económica. Ainda analisar o facto de que, famílias cujas práticas parentais são negativas, como é o caso, na vivência do stress associado à pressão económica, dá-se um aumento de conflito interparental, indicando um aumento de problemas de internalização e externalização nos filhos adolescentes (Lee et al., 2013; Ponnet, 2014; Ponnet et al., 2014).

A análise correlacional da relação das variáveis familiares e da percepção dos técnicos também se verificou ser significativa para famílias com filhos pequenos (entre 1 e 10 anos): os dados apontam para uma relação inversamente proporcional em que quanto mais permissivo for o estilo parental de uma família com crianças pequenas, mais negativa será a avaliação por parte dos técnicos. Assim comprovando parcialmente a hipotetização de que um estilo parental negativo seria influenciado negativamente na avaliação dos técnicos (H_1). O que se encontra na base de tal resultado para famílias com filhos pequenos, por um lado, são as conseqüências nefastas do estilo parental permissivo para as crianças, os pais e a relação pai-filho, assim como a sua associação à parentalidade negativa (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Cole & Cole, 2001; Dornbusch et al., 1987; Lamborn et al., 1991; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015; Sommer, 2007) às quais os técnicos estão atentos. Por outro lado, devido ao aumento da potenciação do investimento, assim como de resultados positivos, quanto mais cedo for a intervenção (Choi, 2019; Dodge, 2018; Hustedt et al., 2017; Iruka, 2018; Yazejian, 2017; Yoshikawa et al., 2012), assim podendo justificar a influência negativa na avaliação dos técnicos especificamente junto das famílias com crianças pequenas, que sejam identificadas pelo estilo parental permissivo.

Foi também verificada outra relação significativa entre uma variável da pressão económica e a percepção dos técnicos para famílias com crianças pequenas, revelando que quanto maior for a carência económica pressentida, mais negativa será a avaliação dos técnicos. Em concordância com a importância dada aos efeitos a longo prazo da intervenção precoce em famílias em contexto de desvantagem socioeconómica com crianças pequenas, a relação com a avaliação negativa por parte dos técnicos poderá justificar-se visto ser essencial trabalhar as relações entre a criança e cuidador, assim como a manutenção do stress associado à parentalidade, cujos efeitos tendem a manter-se após a intervenção (McKelvey et al., 2015; Yazejian et al., 2017). Continua a ser um

resultado pouco previsto, uma vez que a percepção da carência económica alta ser congruente com a situação contextual na qual as famílias se inserem e experienciam diariamente. Porém, o stress associado à vivência da pressão económica, cujas consequências envolvem hábitos de parentalidade considerada negativa, como a incapacidade de demonstrar afecto e envolvimento para com as crianças devido ao stress causado pelos seus problemas financeiros, dificulta o envolvimento em boas práticas parentais (Conger & Conger, 2002; Jeon et al., 2016), assim explicando os resultados obtidos.

A terceira relação entre variáveis familiares e a percepção dos técnicos mostrou que quanto maior for a preocupação financeira experienciada, menos positivas serão as expectativas dos técnicos face a famílias com filhos crescidos (dos 11 aos 17 anos). Dado que o indicador de pressão económica “preocupações financeiras” está ligado à análise emocional da satisfação de necessidades materiais presentes e futuras dos recursos necessários para a sobrevivência da célula familiar (Conger et al, 2010; Jeon et al. 2016), é natural que haja uma proporcional preocupação por parte dos técnicos relativamente às expectativas de evolução familiar futuras, uma vez que acompanham o percurso familiar e as suas dificuldades e preocupações. Poder-se-á justificar, adicionalmente, que, a preocupação dos técnicos com o aumento das consequências nefastas para filhos mais crescidos, como a internalização e externalização de problemas em adolescentes (e pré-adolescentes) de sistemas familiares onde haja um aumento de um indicador de pressão económica causando um aumento dos conflitos parentais, comportamentos hostis e práticas parentais negativas (Conger et al., 2010; Jeon et al., 2016; Lee et al., 2013; Ponnet et al, 2014) transparece nos resultados obtidos, com o aumento das expectativas negativas dos técnicos para com famílias com um aumento de preocupações financeiras, com filhos crescidos.

Relativamente ao objectivo de analisar o papel preditivo das variáveis na percepção dos técnicos (englobando as avaliações dos técnicos, assim como a variável expectativas dos técnicos), observa-se que o estilo parental permissivo, assim como o número total de filhos, influenciam a avaliação que os técnicos realizam a famílias em contexto de desvantagem socioeconómica. Relativamente ao estilo parental permissivo influenciar a avaliação do técnico, não vem como grande surpresa, uma vez que o estilo parental permissivo está associado à parentalidade negativa, assim como a comportamentos parentais hostis de baixo grau de envolvimento, onde se verifica um evitamento ativo da responsabilidade e autoridade parental, colocando as crianças numa posição de

autogestão (Baumrind, 1967, 1977, 1991; Cardoso & Veríssimo, 2013; Cole & Cole, 2001; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015). As consequências de tais comportamentos parentais categóricos do EP permissivo, tornam difícil a posição do técnico destacado para o seu acompanhamento familiar, uma vez que o baixo grau de envolvimento e a recusa numa participação ativa enquanto figura parental e de autoridade estão na base do que tem vindo a ser analisado como a falta de eficácia de intervenções no contexto de desvantagem socioeconómica (Sousa et al., 2007) podendo explicar o resultado obtido face à avaliação negativa por parte dos técnicos.

O número total de filhos de uma família de baixo rendimento influenciar a avaliação por parte dos técnicos é inesperado, porém o aumento da dimensão familiar e a pobreza encontram-se relacionadas na literatura: historicamente para combater a mortalidade infantil, assim como a pobreza, no sentido em que o aumento do número de indivíduos era percecionado como o aumento de trabalhadores a contribuir para a subsistência familiar e, conseqüentemente, para o alívio e distribuição da responsabilidade financeira entre mais indivíduos (Kamuzora, 2001; Krishnaji, 1980). Com o desenvolvimento e treino profissional dos técnicos, a visão profissional do mesmo poderá ser outra: famílias com um aumento considerável no número total de filhos, proporcionam um conseqüente aumento de necessidades materiais (e imateriais), reforçando as práticas que levaram a uma situação de escassez de recursos, na qual os recursos existentes são direcionados no sentido de satisfazer as necessidades básicas do sistema familiar, mantendo um ciclo de pobreza e assim, reforçando a clivagem socioeconómica o que, diminui a investimento e disponibilidade parental (e emocional), podendo levar a práticas parentais negativas (Conger & Conger, 2002; Ferreira, Pedro & Francisco, 2015; Jeon et al., 2016).

Curiosamente, não foram verificadas nenhuma variáveis que apresentassem ter um papel preditivo sobre a variável expectativas dos técnicos face ao percurso de evolução familiar. Tal resultado demonstra que não se comprovou a segunda hipótese de investigação (H₂) que previa que a variável demográfica ligada ao número total de filhos teria um comprovado papel preditivo face às expectativas do técnico. Resultado que é congruente com a semelhante literatura que demonstra que as diferenças entre classes sociais não alteram a vontade dos técnicos de trabalhar com o cliente (Thompson et al., 2014). Em adição, ao contrário dos registos passados relativos à perceção (e conseqüente intervenção) dos técnicos onde se analisavam questões familiares individualmente sem a perceção sistémica do conjunto de sistemas e subsistemas em interação, causando resultados menos eficazes e frustração por parte dos técnicos (Sousa et al., 2007), o que

se tem vindo cada vez menos a verificar dada a formação profissional dos técnicos cada vez mais no sentido de possibilitar recursos e ferramentas para identificar e trabalhar as competências e aspetos positivos de famílias cujo contexto e contacto com entidades técnicas tem vindo a focar os aspetos negativos, sendo mesmo descrito como um obstáculo à intervenção familiar em contexto de desvantagem socioeconómica (Sousa et al., 2007).

Limitações, Contributos e Implicações para estudos futuros

O presente estudo esteve limitado, primeiramente, devido à dimensão da amostra, uma vez que houve um total de 65 participantes, o que se deve levar com a devida fragilidade que acarreta, apesar de estatisticamente significativas e as variáveis controladas para a devida dimensão (Maroco & Bispo, 2003; Pestana & Gageiro, 2008).

Ainda referir a limitação relacionada com o efeito de desejabilidade social: os participantes responderam aos questionários que incidiam sobre questões pessoais, relacionais e familiares face a tópicos como a gestão financeira, pressão económica, práticas parentais e funcionamento familiar, oralmente junto de um investigador que aplicava a bateria de questionários. Pode-se equacionar um enviesamento de respostas devido à desejabilidade social por parte dos participantes, em concordância com a literatura sobre o tópico: ocorrerá uma gestão de imagem e manutenção da autoestima por parte dos participantes (Barros de Oliveira, 2004; Hariri & Lassen, 2017; Larson, 2019), uma vez que a aplicação dos instrumentos se deu em tais circunstâncias – em oposição ao preenchimento anónimo e individual sem interferência de terceiros. De facto, pode existir uma certa resistência em responder de forma genuína a este tipo de questionários, criando uma barreira entre participante-investigador por forma a aumentar a sua desejabilidade social (Barros de Oliveira, 2004; Hariri & Lassen, 2017; Larson, 2019).

Uma terceira limitação prende-se com o estudo de apenas três variáveis sociodemográficas (i.e., idade do filho alvo, número total de filhos e o sexo do filho alvo), quando poderiam ter sido utilizados mais parâmetros dentro das variáveis sociodemográficas para a investigação (e.g., grau de escolaridade dos filhos, situação laboral dos pais, sexo dos pais). Além dessa limitação, é importante referir que a amostra é composta, na sua maioria por mães que responderam aos questionários (correspondendo a 84.6% da amostra), o que deve ser tomado em atenção, uma vez que a fonte de informação não é uniforme e coloca a representatividade familiar numa situação de

possível viés. Também é de notar uma limitação relacionada com o possível viés cultural, uma vez que a amostra inclui diferentes nacionalidades e culturas, podendo haver uma diferença de perceções culturais face à perceção dos diferentes conceitos presentes nos questionários, como a perceção de dificuldades e as diferentes perceções face à parentalidade (Price et al., 2013).

Apesar das limitações referidas, a presente investigação contribui para o estudo da parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica, uma vez que traz algum esclarecimento sobre um tópico relativo às variáveis que possam influenciar a perspectiva dos técnicos. Uma vez que tantos estudos se focam na eficácia da intervenção ou no estudo da resistência à intervenção, analisadas da perspectiva dos técnicos da área, mostrou-se importante olhar com uma lente sistémica uma outra perspectiva, ao falar da vivência em situações de fragilidade e vulnerabilidade inerentes aos contextos de desvantagem socioeconómica.

Dá, ainda, o seu contributo para a prática terapêutica, uma vez que analisa, também, as variáveis familiares entre si, correlacionando os indicadores de pressão económica com os estilos parentais para famílias com filhos pequenos e crescidos face às perceções dos técnicos, obrigando a uma reflexão sobre os diferentes sistemas em interação e o aumento proporcional da avaliação e expectativas negativas mediante as práticas parentais negativas por vezes praticadas pelas famílias, como visto nos resultados obtidos.

Contribui, ainda, para a prática terapêutica, no desenvolvimento da reflexão sobre a influência e interatividade com os subsistemas envolvidos, nos quais o terapeuta também se insere e traz as suas construções e arquétipos, influenciando o subsistema familiar que se encontra em desvantagem socioeconómica que acompanha (Foss-Kelly et al., 2017). De facto, o conjunto de comportamentos e participação por parte dos técnicos (e, conseqüentemente, instituições) aparenta ter um impacto em famílias em contexto de desvantagem socioeconómica com problemáticas associadas com as suas práticas parentais, aumentando o seu envolvimento na intervenção (Dawson & Berry, 2002).

Em termos de implicações para estudos futuros, poder-se-ia estudar o impacto da variável da orientação sexual como papel preditivo na perceção dos técnicos, assim como na interação com as restantes variáveis, por exemplo, sendo que à sua semelhança já foram investigadas as perceções dos técnicos de saúde mental face à interação entre a variável classe social e orientação sexual (Thompson et al., 2019), embora sem o papel preditivo da influência dos técnicos que acompanham famílias em situações de

desvantagem socioeconómica, nem na sua interação com as variáveis sociodemográficas e familiares.

Seria também interessante investigar a influência do nível de participação e envolvimento não só dos pais, como também dos técnicos face às diferenças de perceções ou ainda face à eficácia das intervenções. O tema da participação e do grau de envolvimento tem sido bastante estudado, embora sob diferentes perspectivas: alguns estudos incidem sobre a importância da participação de ambas as partes em relação à eficácia das intervenções (e.g., Smith & Romero, 2015) embora outros estudos incidam sobre o nível de envolvimento e participação quer dos técnicos, quer das famílias em situação de desvantagem socioeconómica em relação às diferentes perceções de cada um na intervenção (e.g., Price et al., 2013) sendo que seria interessante estudar a interação entre estas variáveis e as variáveis familiares na variável perceção dos técnicos.

Conclusão

A parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica é uma realidade para muitas famílias, onde se verifica um ciclo de retroalimentação positivo entre a vivência da pressão económica – vivência do stress associado à deprivação económica e social, oriunda da experiência psicológica da subsistência e dificuldades em colmatar necessidades básicas materiais e imateriais (Bolger et al., 1995; Conger et al., 2010; Jeon et al., 2016) – que influencia a parentalidade, no sentido em que ao contribuir para o aumento de situações causadoras de stress, ansiedade e depressão, contribui para o aumento dos conflitos, do comportamento hostil, da indisponibilidade parental e assim, leva a práticas parentais negativas (Baumrind, 1966, 1967, 1991; Duncan & Brooks-Gunn, 2000; Jeon et al., 2016) que, por sua vez, causam a internalização e externalização de problemas nos filhos, sendo nefastas para o seu desenvolvimento biopsicossocial, uma vez que não existem recursos nem disponibilidade para se investir no desenvolvimento pessoal de cada membro da família, uma vez que esses mesmos recursos são escassos e empregues na subsistência e colmatação de necessidades básicas (Anandí et al., 2013; Foss-Kelly et al., 2017; Harper et al., 2015; Myers & Gill, 2004; Lee et al., 2013; Ponnet et al., 2014; Ponnet, 2014), o que, por sua vez, implica uma maior tendência para efeitos a longo prazo e a replicação de práticas parentais negativas ao nível interparental, assim como para a seguinte geração quando não existe intervenção (Azzi-Lessing et al., 2013; Ponnet, 2013; Ritchie & Buchanan, 2011).

Os resultados do presente estudo demonstram que a perspetiva dos técnicos é, de facto, influenciada por variáveis familiares e sociodemográficas. Congruentemente, o estilo parental permissivo (variável familiar) e o número total de filhos (variável sociodemográfica) demonstraram ter um papel preditivo na avaliação dos técnicos (variável da perceção dos técnicos).

Salienta-se a importância de serem reconhecidas as necessidades específicas do trabalho com famílias em contexto de desvantagem socioeconómica, cuja vivência do stress associado à sua situação envolve preocupações financeiras sobre como subsistir com os recursos disponíveis, as dificuldades em pagar contas e em não ter as necessidades materiais básicas satisfeitas, o que compreende um acesso muito limitado aos recursos necessários para uma otimização da qualidade de vida (Conger et al., 2010; Foss-Kelly et al., 2017; Harper et al., 2015; Myers & Gill, 2004), comprometendo o bem-estar físico e mental de todos os envolvidos (Foss-Kelly et al., 2017; Hudson, 2005; Lustig & Strauser,

2007) e colocando estas famílias numa multiplicidade de riscos e numa situação de vulnerabilidade.

Compreender as dificuldades diárias das famílias em contexto de desvantagem socioeconómica, passa pela identificação dos próprios subsistemas nos quais o técnico está inserido por forma a ultrapassar as barreiras de conhecimento para a compreensão e incorporação clínica, assim como identificar e compreender a interação dos diferentes sistemas e suas condições inerentes, para a melhor intervenção e eficácia terapêutica (Foss-Kelly et al., 2017).

Referências Bibliográficas

- Anandi, M., Mullainathan, S., Shafir, E., & Zhao, J. (2013). Poverty impedes cognitive function. *Science*, 341, 978–980.
- Azzi-Lessing, L. (2013). Serving highly vulnerable families in home-visitation programs. *Infant Mental Health Journal*, 34(5), 376-390.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development*, 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88
- Baumrind, D., & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child development*, 291-327.
- Baumrind, D. (1977). The development of instrumental competence through socialization. In *Minnesota Symposium on child development* (pp. 3-46). University of Minnesota Press, Minneapolis, MN.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The journal of early adolescence*, 11(1), 56-95.
- Barak, I., & Barak, A. (2019). Israeli Ethiopian female adolescents' perspectives on alliances with social workers: Agency, power and performing identity. *American Journal of Orthopsychiatry*, 89(1), 77.
- Barros de Oliveira, J. (2004). Desejabilidade social: um construto de difícil avaliação. *Psychologica*, (35), 233-247.
- Barth, R. P., Greeson, J. K. P., Guo, S., Green, R. L., Hurley, S., & Sisson, J. (2007). Changes in family functioning and child behavior following intensive in-home therapy. *Children and Youth Services Review*, 29, 988-1009.
- Bolger, K. E., Patterson, C. J., Thompson, W. W., & Kupersmidt, J. B. (1995). Psychosocial adjustment among children experiencing persistent and intermittent family economic hardship. *Child development*, 66(4), 1107-1129.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., Colaiaco, F., & Zuffianò, A. (2013). Dispositional bases of self-serving positive evaluations. *Personality and Individual Differences*, 55(7), 864-867.
- Cardoso, Jordana, & Veríssimo, Manuela. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393-406.
- Choi, J. K., Parra, G., & Jiang, Q. (2019). The longitudinal and bidirectional relationships between cooperative coparenting and child behavioral problems in low-income, unmarried families. *Journal of Family Psychology*, 33(2), 203.

- Cole, M., & Cole, S. R. (2001). *The development of children* (4th ed.). New York: Worth Publishers.
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of marriage and family*, *64*(2), 361-373.
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). Economic pressure in African American families: A replication and extension of the family stress model. *Developmental Psychology*, *38*(2), 179–193. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.2.179>
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, *72*, 685–704.
- Dawson, K. & Berry, M. (2002). Engaging families in child welfare services: An evidence-based approach to best practice. *Child Welfare*, *81*(2), 293-317.
- Dodge, K. A. (2018). Toward population impact from early childhood psychological interventions. *American Psychologist*, *73*(9), 1117.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child development*, 1244-1257.
- Duncan, G. J., & Brooks-Gunn, J. (2000). Family poverty, welfare reform, and child development. *Child Development*, *71*, 188–196.
- Elder Jr, G. H., Conger, R. D., Foster, E. M., & Ardelt, M. (1992). Families under economic pressure. *Journal of Family issues*, *13*(1), 5-37.
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American psychologist*, *59*(2), 77.
- Ferreira, Sara I., Pedro, Marta F., & Francisco, Rita. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, *29*(1), 11-22.
- Foss-Kelly, L. L., Generali, M. M., & Kress, V. E. (2017). Counseling Strategies for Empowering People Living in Poverty: The I-CARE Model. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, *45*(3), 201-213.
- Frankham, C., Richardson, T., & Maguire, N. (2020). Psychological factors associated with financial hardship and mental health: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 101832.
- Hariri, J. G., & Lassen, D. D. (2017). Income and Outcomes Social Desirability Bias Distorts Measurements of the Relationship between Income and Political Behavior. *Public Opinion Quarterly*, *81*(2), 564–576

- Harper, A., Clayton, A., Bailey, M., Foss-Kelly, L., Sernyak, M. J., & Rowe, M. (2015). Financial health and mental health among clients of a community mental health center: Making the connections. *Psychiatric Services*, 66, 1271–1276.
- Hart, C. H., Newell, L. D., & Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social/communicative competence in childhood. In J. O. Greene & B. R. Burlison (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skill* (pp. 753-797). Mahwah, NJ: Erlbaum
- Hudson, C. G. (2005). Socioeconomic status and mental illness: Tests of the social causation and selection hypotheses. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75, 3–18.
- Hustedt, J. T., Vu, J. A., Bargreen, K. N., Hallam, R. A., & Han, M. (2017). EARLY HEAD START FAMILIES' EXPERIENCES WITH STRESS: UNDERSTANDING VARIATIONS WITHIN A HIGH-RISK, LOW-INCOME SAMPLE. *Infant mental health journal*, 38(5), 602-616.
- Hsueh, J., McCormick, M., Merrillees, C., Chou, P., & Cummings, E. M. (2018). Marital interactions, family intervention, and disagreements: a daily diary study in a low-income sample. *Family process*, 57(2), 359-379.
- Instituto Nacional de Estatística - Anuário Estatístico da Área Metropolitana de Lisboa: 2018. Lisboa: INE, 2019. <https://www.ine.pt/xurl/pub/410495118>>. ISSN 2183-6876. ISBN 978-989-25-0505-3
- Iruka, I. U., Jones Harden, B. P., Bingham, G., Eстераich, J., & Green, S. (2018). Profiles of parenting for low-income families and links to children's preschool outcomes. *Early Education and Development*, 29(4), 515-539.
- Jeon, S., & Nepl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: The association with child behavior. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 22.
- Kamuzora, C. L. (2001). Poverty and family size patterns: Comparison across African countries.
- Krishnaji, N. (1980). Poverty and family size. *Social Scientist*, 22-35.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 62(5), 1049-1065.
- Larson, R. B. (2019). Controlling social desirability bias. *International Journal of Market Research*, 61(5), 534–547.
- Lee, T. K., Wickrama, K. A. S., Simons, L. G. (2013). Chronic family economic hardship, family processes and progression of mental and physical health symptoms in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42, 821-836

- Lustig, D. C., & Strauser, D. R. (2007). Causal relationships between poverty and disability. *Rehabilitation Counseling Bulletin*, 50, 194–202.
- Maroco, J., & Bispo, R. (2003). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*.
- Mckelvey, L., Schiffman, R. F., Brophy-Herb, H. E., Bocknek, E. L., Fitzgerald, H. E., Reischl, T. M., ... & Cunningham Deluca, M. (2015). Examining long-term effects of an infant mental health home-based early head start program on family strengths and resilience. *Infant mental health journal*, 36(4), 353-365.
- McNeil, S., Herschberger, J., & Nedela, M. (2013). Low-Income Families With Potential Adolescent Gang Involvement: A Structural Community Family Therapy Integration Model. *American Journal of Family Therapy*, 41(2), 110–120.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child development*, 289-302.
- Myers, J. E., & Gill, C. S. (2004). Poor, rural and female: Under-studied, under-counseled, more at-risk. *Journal of Mental Health Counseling*, 26, 225–242.
- Mortensen, J. A., & Mastergeorge, A. M. (2014). A Meta-Analytic Review of Relationship-Based Interventions for Low-Income Families with Infants and Toddlers: Facilitating Supportive Parent-Child Interactions. *Infant Mental Health Journal*, 35(4), 336–353.
- Pallant, J. (2013). *SPSS survival manual*. McGraw-Hill Education (UK).
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire—versão portuguesa de autorrelato. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312.
- Pellecchia, M., Nuske, H. J., Straiton, D., Hassrick, E. M., Gulrud, A., Iadarola, S. & Mandell, D. S. (2018). Strategies to engage underrepresented parents in child intervention services: A review of effectiveness and co-occurring use. *Journal of Child and Family Studies*, 27(10), 3141-3154.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*.
- Ponnet, K. (2014). Financial stress, parent functioning and adolescent problem behavior: an actor-partner interdependence approach to Family Stress Processes in low-, middle-, and high-income families. *Journal of Youth and Adolescence*, 43, 1752-1769
- Ponnet, K., Leeuwen, K. V., Wouters, E. (2014). Examining pathways between financial stress of mothers and fathers and problem behaviour in adolescents. *Journal of Family Studies*. 20(1), 66-78

- Price, S. K., & Cohen-Filipic, K. (2013). Daily life or diagnosis? Dual perspectives on perinatal depression within maternal and child health home visiting. *Social work in public health, 28*(6), 554-565.
- Ritchie, C., & Buchanan, A. (2011). Self report of negative parenting styles, psychological functioning and risk of negative parenting by one parent being replicated by the other in a sample of adolescents aged 13–15. *Child Abuse Review, 20*(6), 421-438.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) 1995.
- Santiago, C. D., Wadsworth, M. E., & Stump, J. (2011). Socioeconomic status, neighborhood disadvantage, and poverty-related stress: Prospective effects on psychological syndromes among diverse low-income families. *Journal of Economic Psychology, 32*(2), 218-230.
- Santos-Nunes, M., Narciso, I., Vieira-Santos, S., & Roberto, M. S. (2018). Adoptive parents' evaluation of expectations and children's behavior problems: The mediational role of parenting stress and parental satisfaction. *Children and Youth Services Review, 88*, 11-17.
- Schoon, I. (2019). The well-being of children in the face of socio-economic deprivation and family instability. *Revue des politiques sociales et familiales, 131*(1), 189-202.
- Sheely-Moore, A., & Bratton, S. (2010). A Strengths-Based Parenting Intervention with Low-Income African American Families. *Professional School Counseling, 13*(3), 175.
- Smith, L., & Chambers, C. (2015). Decolonizing psychological practice in the context of poverty. In R. D. Goodman & P. C. Gorski (Eds.), *Decolonizing “multicultural” counseling through social justice* (pp. 147–164). New York, NY: Springer.
- Smith, L., & Romero, L. (2010). Psychological interventions in the context of poverty: Participatory action research as practice. *American Journal of Orthopsychiatry, 80*(1), 12.
- Sommer, K. L. (2007). The relationship between parenting style, parental reading involvement, child behavior outcomes, child classroom competence and early childhood literacy (Master thesis, University of Oklahoma state)
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. e Matos, A. (2006). O apoio das instituições de protecção as famílias multiproblemáticas. *Rev. Psicol. Soc. Instit. Londrina, 3* (1),1-23.
- Sousa, L: e Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia* ,Vol. XIX (1-2).Edições Colibri: Lisboa, 169-191.

- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Taylor, Z. E., Widaman, K. F., Robins, R. W., Jochem, R., Early, D. R., & Conger, R. D. (2012). Dispositional optimism: a psychological resource for Mexican-origin mothers experiencing economic stress. *Journal of Family Psychology, 26*(1), 133.
- Thompson, M., Diestelmann, J., Cole, O., Keller, A., & Minami, T. (2014). Influence of social class perceptions on attributions among mental health practitioners. *Psychotherapy Research, 24*(6), 640–650.
- Thompson, M., Chin, M., & Kring, M. (2019). Examining mental health practitioners' perceptions of clients based on social class and sexual orientation. *Psychotherapy, 56*(2), 217–228.
- WHOQoL Group. (1994). The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In *Quality of life assessment: International perspectives* (pp. 41-57). Springer, Berlin, Heidelberg.
- Williams, L., Degnan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H., Rubin, K., Pine, D., & Fox, N. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of abnormal child psychology, 37*(8), 1063-1075.
- Wright, M. O. D., Masten, A. S., & Narayan, A. J. (2013). Resilience processes in development: Four waves of research on positive adaptation in the context of adversity. In *Handbook of resilience in children* (pp. 15-37). Springer, Boston, MA.
- Yazejian, N., Bryant, D. M., Hans, S., Horm, D., St. Clair, L., File, N., & Burchinal, M. (2017). Child and Parenting Outcomes After 1 Year of Educare. *Child Development, 88*(5), 1671
- Yoshikawa, H., Aber, J. L., & Beardslee, W. R. (2012). The effects of poverty on the mental, emotional, and behavioral health of children and youth: implications for prevention. *American Psychologist, 67*(4), 272.